

RESENHAS

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i22.26597

RODRIGUES, Cândido Moreira; ZANOTTO, Gizele (Orgs.). **Catolicismos e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina**. Cuiabá/MT: EdUFMT, 2013.

Recebido em 11/05/2015 - Aprovado em 30/06/2015

História intelectual e catolicismos no Brasil e na Argentina

Edison Lucas Fabricio¹

Houve um tempo em que a história das religiões era escrita quase que exclusivamente por seus adeptos. No tocante ao catolicismo este aspecto era ainda mais evidente. Detentora de uma rede de entidades escolares e universitárias, de um corpo de clérigos e intelectuais leigos com capital cultural não encontrado em outras instituições, a Igreja Católica construía sua própria imagem. Este estado de coisas começou a sofrer alterações principalmente a partir da constituição de um sistema universitário autônomo, que tomou o catolicismo como objeto de investigação. Na América Latina o catolicismo tem sido tema de vários estudos nas diversas universidades, mas até poucas décadas inexistiam obras que procuravam romper com o isolamento das pesquisas restritas aos contornos nacionais.

Romper com o isolamento nacional de um tema que por natureza é transnacional é um dos objetivos do livro *Catolicismos e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina*, organizado por Cândido Rodrigues² e Gizele Zanotto³. Pesquisadores reconhecidos por sua produção acadêmica sobre catolicismo brasileiro, Rodrigues e Zanotto reúnem neste livro um grupo de jovens e experientes pesquisadores que tomam

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2011); doutorando em História na mesma instituição. Foi professor de História nos cursos de graduação da Universidade Regional de Blumenau (FURB) e da Universidade do Alto Vale do Itajaí (2011-2014). Email: edisonlucasf@hotmail.com

² Cândido Moreira Rodrigues é professor na UFMT e autor de RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem - uma revista de intelectuais católicos, 1934-1945*. Belo Horizonte/MG: Autêntica/Fapesp, 2005. RODRIGUES, Cândido Moreira. *Aproximações e Conversões: o intelectual Alceu Amoroso Lima no Brasil dos anos 1928-1946*. São Paulo: Alameda, 2012.

³ Gizele Zanotto é professora na Universidade de Passo Fundo (UPF) e autora do livro ZANOTTO, Gizele. *Tradição, Família e Propriedade (TFP): as idiosincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995)*. Passo Fundo: Méritos, 2012.

o tema da intelectualidade católica como objeto de reflexão ao longo de 13 capítulos que compõem o livro.

Os intelectuais tem sido alvo de abordagens inovadoras principalmente a partir da emergência da Nova História Política e da Nova História Cultural. Neste sentido, a obra aqui apresentada busca inserir-se no diálogo com a longa tradição historiográfica francesa de estudos dos intelectuais, que remonta ao **Affaire Dreyfus**, cujos principais expoentes na atualidade são René Remond e Jean-François Sirinelli. Estes autores buscam perceber os intelectuais enquanto sujeitos produtores de bens culturais ou simbólicos, que têm suas trajetórias marcadas pelo engajamento, que interferem na esfera pública através de suas palavras, manifestos, publicações em revistas e jornais, e atuam como agentes de mudança e crítica social.

É a partir de este olhar que os organizadores conduzem a entrevista com Frei Betto, que abre o livro. Certamente um dos intelectuais religiosos mais representativos da geração que pensou a Teologia da Libertação na Igreja Católica latino-americana, Frei Betto falou de sua trajetória intelectual, seus diálogos teóricos e de sua posição frente aos rumos da Igreja no período posterior ao Concílio Vaticano II. Ainda na perspectiva da Teologia da Libertação é possível ler o último capítulo do livro, sobre o bispo Dom Pedro Casaldáliga e o jornal *Alvorada*, da Prelazia de São Félix do Araguaia no Mato Grosso, escrito por Vitale Joanoni Neto e Marluce Scaloppe. Os autores buscam mostrar como este jornal tornou-se uma voz profética de denúncia da injustiça e opressão no contexto da ditadura civil-militar, principalmente no que diz respeito à ação de militares e latifundiários. Ao longo dos mais de 40 anos, de formato mimeografado até tablóide, o jornal *Alvorada* foi uma trincheira de combate em defesa de índios, posseiros e trabalhadores rurais.

Os próximos dois capítulos contrapõem-se ao progressismo da fala de Frei Betto e da experiência de Casaldáliga, pois neles são estudadas as trajetórias de dois intelectuais marcados, em dados momentos, por discursos conservadores e reacionários: Leonel Franca e Gustavo Barroso, localizados temporalmente nos anos 1930. Guilherme Arduini discute, no limite de poucas páginas, como Leonel Franca foi uma referência importante para toda uma geração de intelectuais leigos, como Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Sobral Pinto e outros. O capítulo cumpre com o objetivo de mapear a atuação de Franca resumindo sua obra. No entanto, uma obra de 15 tomos como a de Franca, ainda carece uma análise mais minuciosa. Somente desta forma se poderá ter uma visão mais clara de sua atuação nas diversas frentes políticas como o Conselho Nacional de Educação, a defesa do ensino religioso, a crítica ao divórcio no contexto da Constituinte de 1934 e a disputa com os protestantes, entre outros. Nesta mesma perspectiva, da análise de trajetórias, Márcia Regina Carneiro apresenta Gustavo Barroso. A autora procura mostrar o contexto de formação de Barroso, desde sua ligação com o folclore nordestino até seu papel na tríade integralista, com Miguel Reale e Plínio Salgado, e sua eleição para a Academia Brasileira de Letras. Fiel ao catolicismo conservador, Barroso às vezes é abordado a partir das ilusões biográficas presentes na escrita de Silva Mello, seu biógrafo na ABL, e partilhadas pela autora, como se a infância explicasse o

viria a ser este integralista. Por exemplo, quando Barroso teria fundado uma “maçonaria para crianças” ou quando “armava batalhões de meninos”, seriam indícios que “desde a infância, portanto, iria demonstrando que as ações de força seriam a tônica de suas atitudes também na política” (p. 64). Feita esta ressalva, o capítulo é uma excelente introdução à obra de Gustavo Barroso.

As relações entre integralismo e catolicismo ainda são contempladas no capítulo escrito por Jefferson R. Barbosa, que aborda o debate conceitual em torno dos movimentos fascistas na América Latina e se é legítimo tratá-los sob tal alcunha aproximando-os das experiências do fascismo europeu. Para o autor, movimentos de massa como o Integralismo de Plínio Salgado e movimentos neointegralistas podem ser melhores compreendidos à luz na noção de chauvinismo. Para Barbosa, tais movimentos que, grassam ainda em fóruns e redes sociais da internet, mantêm o discurso religioso e formas de fundamentalismo que marcavam tais movimentos ainda nos anos 30.

Em todo o livro salta aos olhos o papel dos periódicos para tais intelectuais católicos. Um dos espaços mais importantes de atuação destes intelectuais foi, sem dúvida, a imprensa escrita, especialmente as revistas. Progressistas ou conservadores, era nelas estes intelectuais compartilhavam sua visão de mundo, seu ideal de igreja e praticavam a crítica social. O historiador argentino José Zanca destaca como a revista *Orden Cristiano* converteu-se em uma referência ou trincheira da crítica antifascista da intelectualidade católica argentina, entre 1941 e 1948. Inspirados nos escritos de Jacques Maritain, os redatores da revista faziam crítica cerrada ao fascismo e ao peronismo e encontraram na hierarquia eclesial e nos católicos nacionalistas opositores relevantes. Inovadora no tocante à inclusão de mulheres na redação, na visão de seus idealizadores, a revista *Orden Cristiano* deveria ser um periódico democrático de inspiração católica, que propunha uma revolução espiritual com efeitos sociais (p. 91).

Este mesmo recorte temporal é estudado Christiane Jalles de Paula, que analisa a atuação de Gustavo Corção na imprensa carioca. Convertido ao catolicismo na década de 1930, Corção foi um dos intelectuais mais importantes da prestigiada Revista *Ordem*, que dirigiu juntamente com o Centro Dom Vital, justamente nos anos finais do Estado Novo, ao qual empreendia crítica cerrada. Todavia, se no campo intelectual católico, Corção não atingiu o prestígio de Alceu Amoroso Lima e foi incompreendido pela geração que nos anos 1960 radicalizou setores da Juventude Universitária Católica (JUC) e da Ação Popular (AP), no campo literário e jornalístico ganhou a alcunha de ser o novo mestre do romance, comparado a Machado de Assis, por ninguém menos que Oswald de Andrade, a partir do livro *Lições de abismo* (p. 141).

A relação entre periodismo e intelectuais católicos, em meados do século XX, é debatida e no capítulo sobre Álvaro Negromonte, escrito por Alexandra Lima da Silva e Evelyn de Almeida Orlando. Para as autoras, Negromonte foi um dos intelectuais católicos que mais contribuíram para a renovação pedagógica do ensino religioso desde os anos 1930. Refletindo sobre a relação entre catolicismo e educação, Gineth Andrea Alvarez, analisa a defesa da educação católica na revista argentina *Criterio* e na colombiana *Javeriana*, como espaços de ressonância do Catolicismo Integral, entre os anos de 1942 a

1946, mostrando que tais revistas defendiam a existência de um “direito natural” da Igreja em educar.

Trajetórias e revistas ainda são abordadas nos capítulos de Rodrigo Marcos de Jesus, sobre o filósofo católico Cláudio Henrique de Lima Vaz e no capítulo sobre Alberto Antoniazzi, escrito por Rodrigo C. Caldeira, Massimo Bonato e Sandra Tosta. A trajetória de Lima Vaz é uma das mais singulares entre os jesuítas brasileiros, de intérprete do neotomismo até a década 1960 passou a figurar como mestre de uma geração que repensou a igreja latino-americana em diálogo com o marxismo. Avesso à militância, Lima Vaz encontrou na revista *Síntese*, que ajudou a fundar e foi editor, um espaço de veiculação de seu pensamento e de diálogos filosóficos, especialmente com Maritain, Chardin e Mounier, referências da abertura eclesial ao diálogo com a modernidade. Curiosamente, *Síntese*, como o próprio nome indica, seria o indício desta fuga da polarização entre esquerda e direita, individualismo e coletivismo, revolução e reação. Anos mais tarde, surgiria uma nova revista católica chamada *Atualização Teológica*. Fundada por Antoniazzi, clérigo de origem italiana, que veio ao Brasil ainda como leigo, *Atualização* seria uma das principais vozes do *aggiornamento* (mudança/atualização) a partir de 1965, um verdadeiro espaço de tradução dos princípios do Concílio Vaticano II para o Brasil.

Todas as expectativas em torno do diálogo com a modernidade filosófica e cultural, especialmente com o humanismo, personalismo e marxismo, abertas ao longo da década de 1950 e aprofundadas a partir do Concílio Vaticano II, foram ameaçadas pela onda de autoritarismo que se abateu sobre a América Latina ao longo da década de 1960 através dos golpes de Estado. No entanto, é possível observar que, embora muitos militantes católicos tenham sido presos e torturados, muitas revistas católicas não apenas incitavam o temor anticomunista como legitimavam com seus discursos os golpes de Estado. Este é o caso do estudo de Ianko Bett, que analisa periodismo católico argentino, especialmente a postura anticomunista da revista *Cruzada* no período anterior e posterior ao golpe de Estado na Argentina, em 1966. As experiências do catolicismo reacionário e conservador na Argentina, ao longo da ditadura militar, ainda são abordadas nos capítulos de Facundo Cersósimo e Elena Scirica. Scirica mostra como no início da década de 1960 organizou-se um núcleo católico e intransigente em torno da revista *Verbo*, que apoio e legitimou o golpe de 1966. Por outro lado, Cersósimo discute como, ao longo da ditadura argentina, formaram-se grupos anticomunistas, nacionalistas e católicos que alimentavam um ideário contra-revolucionário. Tais grupos constituíam redes e estavam articulados de forma transnacional.

Certamente a publicação de *Catolicismos e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina* é uma grande contribuição para as análises do catolicismo para além das fronteiras nacionais. Este desafio assumido pelos organizadores mostrou-se acertado e precisa ser alargado com outras publicações. O catolicismo, como corpo de ideais e práticas, é um tema global por natureza e carece de uma abordagem mais abrangente. A partir do século XIX a Igreja Católica assumiu cada vez uma postura centralizadora no campo das práticas, especialmente no período marcado pela romanização, momento de rearranjos institucionais. Neste mesmo movimento elegeu o tomismo como a filosofia

perene frente à modernidade, que condenou veementemente, especialmente a partir da crítica ao liberalismo e ao socialismo.

É importante e necessário que sejam realizados estudos sobre a aclimação do neotomismo na América Latina, de que maneira as diretrizes do Vaticano eram acatadas, se havia espaço ao desvio. Se é perceptível a influência fundamental dos documentos pontifícios sobre a intelectualidade católica, ainda faltam investigações sobre aquilo que Pierre Bourdieu chama de “circulação internacional de idéias”. Neste sentido, encíclicas sobre temas como “boa imprensa”, educação, liberalismo, comunismo, ainda podem render bons trabalhos. Bem como sobre as leituras latino-americanas inventivas de Bergson, Maritain, Mounier, Chardin. No entanto, como processo complexo, a história do campo intelectual, também pode revelar perspectivas inovadoras, como a que foi apresentada sobre Lima Vaz, que mostram que o diálogo com a modernidade pode iniciar-se, ou ser formulado de forma original, a partir das “margens” do catolicismo. Em outro exemplo aqui apresentado, a Teologia da Libertação praticada em uma prelazia no interior do Mato Grosso pode ser tão importante quanto às prescrições que emanam do Vaticano, pois esta história intelectual do catolicismo não é apenas uma via de mão dupla, mas um entrecruzamento de caminhos e perspectivas. Por estas e outras razões, *Catolicismos e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina* revela-se uma contribuição inédita ao estudo dos intelectuais católicos da América Latina, sejam eles leigos ou religiosos.